



Mazé Torquato Chotil é jornalista e autora. Doutora (Paris VIII) e pós-doutora (EHESS), nasceu em Glória de Dourados (MS), morou em Osasco (SP) e foi para a França em 1985. Nos últimos anos, vive entre Paris, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Tem 14 livros publicados, entre romances, biografias e ensaios, dos quais cinco em francês. Entre eles estão: *Mares agitados: na periferia dos anos 1970*; *Na sombra do ipê*; *No crepúsculo da vida*; *Lembranças do sítio / Mon enfance dans le Mato Grosso*; *Lembranças da vila*; *Nascentes vivas para os povos Guarani, Kaiowá e Terenas*; *Maria d'Apparecida: negroluminosa voz* e *Na rota de traficantes de obras de arte*.

Foi editora da 00h00 (catálogo lusófono) e é fundadora e primeira presidente da UEELP – União Europeia de Escritores de Língua Portuguesa. Escreveu — e continua escrevendo — para a imprensa brasileira e sites europeus.

Recebeu o Prêmio de Biografia da AILB – Academia Internacional de Literatura Brasileira, em 2022, pela obra *Maria d'Apparecida*.

Em todas as vezes que a gente via a Lucy, percebia que ela tinha uma mágoa, um sentimento de não ter sido respeitada como artista, não ter tido a divulgação merecida, era uma pessoa magoada com isso.

Rosa Esteves, artista visual e museóloga.

Trabalhou 35 anos no Museu Lasar Segall, onde conheceu Lucy.

Lucy foi uma mulher artista que muito lutou para se afirmar, enfrentando preconceitos enquanto pintora até o final. Sempre defendeu a postura de mulher artista.

A mensagem mais linda, a lição que nos deixa é a paixão pela arte.

A sua vida era arte, todas as conversas possíveis com a Lucy eram arte.

Marcelo Mattos Araujo, museólogo e amigo de Lucy.

Foi diretor do Museu Lasar Segall (1998 – 2002);

diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo (2002 – 2012);

atualmente é diretor-geral do Instituto Moreira Salles – IMS.

Lucy tinha um espírito muito poético e uma força de vontade admirável.

A prima era um misto de liberalidade e de conservadorismo.

Embora Lucy fosse muito carinhosa com algumas pessoas e animais, tinha um comportamento bastante excêntrico com outros, em certas ocasiões.

Renato Citti, primo de Lucy, por William Farnesi.

William Farnesi é um documentarista brasileiro.

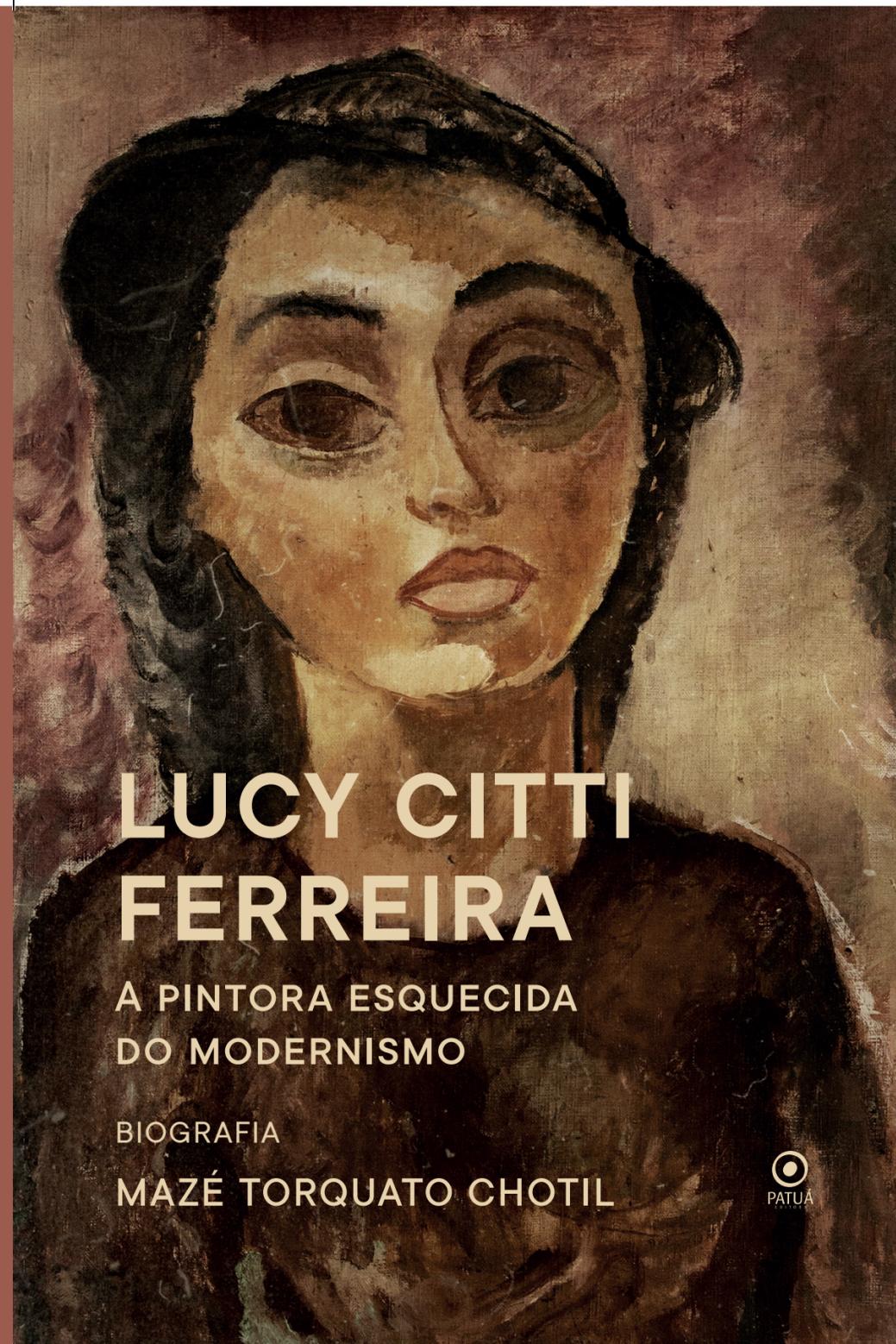
Autor do roteiro do documentário sobre Lucy, *Que mistérios tem Lucy?*



MAZÉ TORQUATO CHOTIL

LUCY CITTI FERREIRA:
A pintora esquecida do modernismo

BIOGRAFIA



LUCY CITTI FERREIRA

A PINTORA ESQUECIDA DO MODERNISMO

BIOGRAFIA

MAZÉ TORQUATO CHOTIL



Puxando o fio de um novelo misterioso e reunindo um feixe de delicadezas, Mazé Torquato Chotil traz à tona a biografia de Lucy Citti Ferreira, uma artista esquecida do grande público, a pintora esquecida do modernismo brasileiro a quem havia ficado o epíteto de musa de Lasar Segall. O papel dado a Lucy pela história é revisto nesta obra: *Lucy Citti Ferreira, a pintora esquecida do modernismo*. Chotil nos conduz pelos mistérios da vida de Lucy, apresentando a artista, a mulher e a personalidade forte por trás da discrição, da introspecção e da excentricidade. Esta obra, assim, é um lapidar da matéria da memória e polimento das lembranças através de fontes e documentos, aos quais vai apresentando-nos Lucy Citti Ferreira à medida em que a retira do recôndito, desnovelando fios de segredos carregados de emoção, de amores, de relações, de perdas, de despedidas, de criações. Nas treliças desses fatos e sentimentos, a sociedade da época é o apanágio onde se figuram valores, tabus e preconceitos.

Valéria Cristina Pereira da Silva
Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal de Goiás